

# ★ ESTUÁRIOS: A TRADIÇÃO DOS ORIXÁS E OS ENCONTROS DE ÁGUAS COMO METÁFORAS PARA A BUSCA DE UM CONHECIMENTO TRANSFORMADOR

Deise Faria Nunes

Nascida em Porto Alegre, Brasil, é artista-pesquisadora com especial interesse em performance, rituais e audiovisual. É doutoranda no programa Teatro em Contexto, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Agder, Noruega, e certificada em cinema documental no Kino-Doc – Núcleo de Cinema Documental, em Lisboa. Radicada nos países nórdicos há mais de 20 anos, tem atuado desde 2004 como artista da performance, dramaturgista, produtora artística e escritora. Colaborou entre outros, com ACTS laboratório para práticas em performance, como cofundadora, *Nordic Black Theatre*, *Odin Teatret* (Dinamarca), *Office for Contemporary Art – OCA*, Bienal de Oslo e *Black Box Theater*. Contribuiu como coautora da antologia histórica *New Daughters of Africa* (2019), com edição de Margaret Busby. Foi líder do Comitê Nacional de Teatro do Conselho de Artes da Noruega e membro do comitê de artes cênicas do Fundo Cultural Nórdico. Desde 2017, tem trabalhado com foco na pesquisa, produção e difusão das atividades de mulheres negras nas artes e na cultura.

**Resumo:** Em *Estuários*: A tradição dos Orixás e os encontros de águas como metáforas para a busca de um conhecimento transformador, a autora explora a convergência da mitologia afro-brasileira dos Orixás, perspectivas do pensamento feminista negro e noções decoloniais de conhecimento, desenvolvidas em seu projeto de pesquisa artística *Estuários*: perspectivas descoloniais, feministas e afro-diaspóricas sobre a performance. O texto baseia-se na rica herança cultural das tradições afro-brasileiras e na teoria crítica do feminismo negro para explorar um conceito transformador de conhecimento. Estuários, ambientes aquáticos onde um rio encontra outras correntes de água, ou o mar, aparecem no texto como uma metáfora poética para a junção de saberes que tentam compreender as complexidades da produção de conhecimento em meio a estruturas de poder coloniais, patriarcais e capitalistas. Por meio da mitologia dos Orixás, a autora ilumina as maneiras pelas quais as cosmologias afro-brasileiras oferecem estruturas epistemológicas que desafiam os paradigmas europatriarcais dominantes. Além disso, o artigo trata da teoria feminista negra, colocando em primeiro plano as experiências e perspectivas das mulheres negras, enfatizando sua agência, resistência e contribuições para a produção de conhecimento. O artigo almeja contribuir para as discussões em curso no contexto dos estudos decoloniais e da teoria feminista, oferecendo novos *insights* sobre as interseções de raça, gênero e conhecimento através das lentes da mitologia afro-brasileira dos Orixás e da metáfora dos estuários.

**Palavras-chave:** estuários; feminismo negro; mitologia dos Orixás.

**ESTUARIES:  
THE TRADITION OF THE ORIXÁS AND THE MEETINGS OF WATERS  
AS METAPHORS FOR THE SEARCH FOR TRANSFORMATIVE  
KNOWLEDGE**

**Abstract:** In “*Estuários: A tradição dos Orixás e os encontros de águas como metáforas para a busca de um conhecimento transformador*”, the author explores the convergence of Afro-Brazilian Orisha mythology, Black feminist perspectives, and decolonial notions of knowledge, developed in her artistic research project *Estuaries: Decolonial, Feminist and Afro-Diasporic Perspectives on Performance*. The text draws upon the rich cultural heritage of Afro-Brazilian traditions and the critical insights of Black feminism to explore a transformative concept of knowledge. Estuaries, aquatic environments where a river meets other water flows, or the sea, appear in the text as a poetic metaphor for the encounter of lines of thought that may help us understand the complexities of knowledge production in the midst of colonial, patriarchal and capitalist power structures. Through Orisha mythology, the author illuminates the ways in which Afro-Brazilian cosmologies offer epistemological frameworks that challenge dominant Europatriarchal paradigms. Additionally, the article engages with Black feminist theory to foreground the experiences and perspectives of Black women, emphasizing their agency, resistance, and contributions to knowledge production. This article intends to contribute to ongoing discussions within decolonial scholarship and feminist theory, offering new insights into the intersections of race, gender, and knowledge through the lens of Afro-Brazilian Orisha mythology and the metaphor of estuaries.

**Keywords:** estuaries; black feminism; orisha mythology.

## Introdução

*Nega Duda, também  
conhecida como  
Makota Ducineia  
Bayrangi, afirmou: As  
mulheres negras são  
como as águas: crescem  
quando se juntam!  
(DUDA, 2016).*

Esta frase inspirou o projeto de pesquisa artística *Estuários: perspectivas decoloniais, feministas e afro-diaspóricas sobre a performance*, de minha autoria, desenvolvido no programa de doutorado Arte em Contexto, da Universidade de Agder, no Sul da Noruega. O projeto parte da ideia das águas e de seu forte significado na tradição dos Orixás como uma metáfora por meio da qual se desenvolvem e aprofundam ferramentas teóricas e metodológicas.

Estuários são ambientes aquáticos onde um rio encontra outros fluxos d'água ou o mar. Essa imagem é um conceito-chave do projeto.

Por meio do estudo de textos e obras de artistas, ativistas e pensadoras da diáspora africana ligadas às minhas geografias afetivas, que vão do Brasil aos Países Nórdicos, passando pela Europa Ocidental e Portugal, o projeto *Estuários* nasceu da necessidade de mapear e desenvolver práticas e conceitos feministas decoloniais para *performance*. O projeto também inclui uma série de trabalhos artísticos desenvolvidos por mim, entre os quais palestras-performances, instalações e videografia.

Pode-se afirmar que *Estuários* é um projeto ancorado em motivações individuais, estimuladas por vivências de processos artísticos coletivos envolvendo mulheres negras, entre os quais se destacam o espetáculo teatral *I Am Nina*<sup>1</sup>, em que fui coidealizadora, assistente de direção e dramaturga, e a performance *Kalunga Extended*, de Luanda Carneiro Jacoel, em que fui produtora, consolidando o projeto de forma independente. Tais processos geraram reflexões a respeito dos espaços que ocupamos, das opressões que operam sobre nossas possibilidades de fazer artístico e de como negociamos nossas existências no mundo das artes. Para além de tais motivações, há em mim uma urgência por liberação política que insiste em desafiar a invisibilidade e o apagamento históricos do conhecimento criado por mulheres negras nas artes.

Desde tempos imemoriais, mulheres negras têm descrito a vida e a sociedade pela via da escrita, da performance e da performatividade, consumando ações por meio das palavras.<sup>2</sup> Um exemplo é o livro *We Are the Ones We Have Been Waiting For*<sup>3</sup>, em que Walker (2011, p. 1, tradução nossa) escreveu:

É o pior dos tempos, pois parece que a própria terra está sendo roubada de nós [...]: a terra e o ar envenenados, a água poluída, os animais extintos, os humanos degradados e desorientados. Guerra em toda parte. É o melhor dos tempos, pois entramos em um período [...] de grande clareza no que tange causa e efeito. Uma bênção, quando consideramos quanto sofrimento os seres humanos suportaram, nos milênios anteriores, sem uma pista sequer de sua causa [...]. Pois, agora, podemos espreitar por entre cada uma das fissuras do mundo, assim como podemos explorar livremente fissuras até agora desconhecidas em nossos próprios corações e mentes.

As palavras de Walker soam familiares e dolorosamente recentes. Este texto, no entanto, foi publicado originalmente em 2006.

Inscrevendo-se em um conturbado contexto global, que descreverei em profundidade mais adiante, *Estuários: perspectivas decoloniais, feministas e afro-diásporas sobre a performance* é um projeto de pesquisa que cruza os campos da *performance art* e dos estudos da *performance*, a teoria feminista negra e interseccional, os estudos decoloniais, os estudos da diáspora africana e a autoetnografia visual. onecta a pesquisa artística a questões sociais urgentes nascidas no rastro do colonialismo e da colonialidade, por meio de um conceito mais amplo de teatro e de dramaturgia, movendo-se na direção dos rituais e dos conceitos multimídia.

A seguir, descreverei alguns dos encontros que experimentei em meu projeto: os estuários onde desaguam o pensamento feminista, a mitologia de origem Iorubá, o ativismo cibernético. Encontros com Gayatri Chakravorty Spivak, Sonya Renee Taylor, Minna Salami, amparados por saberes de terreiro. *Estuários* busca conectar cada pensadora, cada criadora, presente em seu tempo e realidade, quando lançam nova luz sobre o conhecimento,

conceito que opera cotidianamente como guardião de práticas excludentes na academia e no campo das artes. Noções sobre o que sabemos e como o sabemos são, assim, expandidas a partir do pensamento feminista negro e da crítica rigorosa colonialidade.

### O fim da normalidade como a conhecíamos

Os três anos que compõem o recorte temporal desse trabalho foram marcados por uma série de acontecimentos, que vejo como paisagens por onde corre o meu rio. Um surto global de um novo vírus afetou profundamente os próprios paradigmas sob os quais vivemos, trabalhamos e produzimos bens, conhecimentos e obras de arte.

Taylor ([2020], tradução nossa) escreveu:

Não vamos voltar ao normal. O normal nunca existiu. Nossa existência pré-pandemia nunca foi normal, exceto pela normalização da ganância, desigualdade, exaustão, esgotamento, extração, desconexão, confusão, raiva, acumulação, ódio e carência. Não devemos desejar voltar [...]. Estamos tendo a oportunidade de costurar uma indumentária nova, que sirva a toda a humanidade e à natureza.

A pandemia, o período histórico em que até há pouco ainda nos encontrávamos<sup>4</sup>, foi marcada por fenômenos que tem o potencial de nos fazer questionar seriamente nossas formas de ser e (inter)agir no mundo. A profundidade dessa experiência parece já ter sido esquecida pela mídia, mas é crucial olhar para esse contexto como algo que usaremos os próximos anos para analisar e tentar entender.

Nesse processo de escrutínio que toma forma, ao passo que tentamos discernir o que resta das nossas psiques exaustas, momentos de profundo impacto vêm imediatamente à tona: o isolamento, a violência doméstica acentuada, o regime de trabalho extenuante dos profissionais de saúde e dos professores, o contágio em massa por falta de equipamentos de proteção, o colapso do sistema de saúde em Madrid, Milão e Nova

York. O desamparo das populações faveladas na Índia e no Brasil. Os líderes políticos que usaram a pandemia como pretexto para perpetrar projetos genocidas e atos totalitários. O racismo contra asiáticos na Europa e nas Américas. O racismo contra africanos na Ásia – e em todos os outros lugares, sejamos honestos. A xenofobia generalizada. Em todos os lugares, pessoas tentando encontrar formas de lidar com a solidão, o medo e o luto. O assassinato perverso de George Floyd, transmitido e viralizado em todas as mídias sociais.

A todas essas, o esplendor da riqueza alucinante propiciando as estratégias de autoproteção dos mais privilegiados. A potencialização da cultura *influencer* por meio da produção massiva de conteúdo de entretenimento em casa – leia-se mansões cinematográficas. Lojas virtuais, vídeos de *fitness*, desafios de celebridades. O capitalismo se reinventando na mesma velocidade exponencial do aumento dos casos de Covid-19. O enorme impacto individual e coletivo da pandemia pôs em evidência problemas nada novos. Já vimos tudo isso antes. Movimentos sociais os mais variados vêm expondo esses problemas há décadas.

Em agosto de 2022, Angela Davis visitou a cidade de Oslo, uma das minhas geografias afetivas mais fortes, pela primeira vez, em 48 anos. A ocasião foi a comemoração do jubileu de 20 anos do Mela Festival, um dos maiores eventos culturais da cidade, criado pela comunidade paquistanesa. A visita foi amplamente ignorada pelos meios de comunicação oficiais, mas imensamente apreciada e celebrada por ouvintes negros, indígenas, asiáticos, bem como pessoas de diferentes sexualidades e identidades de gênero. Em sua palestra, intitulada “Por que o racismo deve ser uma preocupação global: arte e política no século XXI”<sup>5</sup>, Davis traçou um panorama vívido e doloroso, ainda que esperançoso, das últimas duas décadas, em especial, dos anos de pandemia, destacando os legados de mor-

te de Trump e Bolsonaro, e do crescimento do movimento *Black Lives Matter*.

Apesar do agravamento de todas as injustiças sociais estruturantes, a pandemia e suas consequências parecem ter acentuado o desejo de desenvolver conceitos políticos e liberatórios no contexto da cena artística global. Assim, as linhas de pensamento decoloniais ocuparam recentemente um lugar no centro de diferentes conversas nas primeiras edições pós-pandemia da quadrienal de artes *Documenta*, em Kassel, bem como das bienais de Berlim, Veneza e Dakar. Como consequência, espera-se que uma nova consciência esteja surgindo, pressionando inevitavelmente os pilares fundamentais do cânone colonialista: a exploração dos corpos, dos territórios e o controle da forma como o arquivo, o patrimônio e o legado são produzidos e acessados.

Entre a esperança que move a inovação e uma sensação de fracasso político iminente muito próxima do afro-pessimismo, *Estuários* avança como um longo rio que acolhe ribeiras de outras massas de água que percorrem o mesmo panorama, ao longo do seu curso rumo ao mar. Esses corpos se nutrem mutuamente por meio de encontros dialógicos com saberes produzidos por mulheres negras e racializadas, *femmes* e pessoas *queer* ao redor do mundo. O mar sendo o corpus denso e imensurável de ações teóricas e práticas decoloniais e contra coloniais ao longo da história.

O uso dos termos *decolonialidade* e *decolonial* é consequência do eixo teórico usado por minhas principais referências. Mesmo ciente do escrutínio crítico pelo qual estes conceitos têm passado recentemente, mantive a opção de trabalhar a partir deles. Tal escolha me oferece a chance de aprofundar minha posição contrária, especialmente, a um certo “monopólio da decolonialidade” por homens brancos cisgêneros que reivindicam pertencimento ou conexão ao chamado Sul Global,

especialmente Abya Yala. Esses intelectuais, que consolidaram suas carreiras acadêmicas nos últimos 30 anos, acabaram por tornar-se os estudiosos decoloniais mais citados, com acesso aos mais altos financiamentos, ocupando posições de poder e prestígio nas universidades mais conceituadas na Europa e Estados Unidos. Apesar de ser um tema dos mais relevantes, uma reflexão mais profunda sobre as insuficiências e armadilhas conceituais da decolonialidade excede o escopo desse texto.

### O conhecimento em expansão

Quando se trata de lidar com os efeitos destrutivos que a colonialidade teve sobre corpos específicos, sejam eles racializados, dissidentes da binaridade de gênero, ou pessoas com deficiência, a linguagem é um trabalho em andamento, e ainda será por muito tempo.

Nesse sentido, é importante entender que uma metáfora também pode funcionar como uma prisão. Portanto, seus limites e complexidades devem estar sempre à vista.

A metáfora das águas não é sobre encontros suaves, calmos e pacíficos entre doces damas. É importante lembrar que as águas também podem ser violentas. Eles podem devastar uma aldeia e destruir tudo em seu caminho. Um único rio pode mudar sua qualidade energética ao longo de seu curso. Pode ser poderoso, tranquilo ou qualquer estado intermediário. O corpo de água pode acolher nadadores e pescadores, ou pode engoli-los sem piedade. Um rio pode simplesmente deslizar silenciosamente para o mar, ou dois rios podem convergir sem jamais se fundir, como os rios Negro e o Solimões, que correm juntos por seis quilômetros como uma massa bicolor antes de desembocar no magnífico rio Amazonas.

Os estuários, tanto na natureza quanto no projeto de pesquisa que aqui descortino, podem muito bem ser sobre propor formas de se negociar espaços de poder. Um desses

espaços é a epistemologia, nossas noções de conhecimento.

O mito de como Osanyin, o Orixá que possuía o conhecimento das plantas e seu poder curativo, é muitas vezes interpretado como uma história sobre a democratização do conhecimento. Nesse mito, Oya, a divindade do vento, vai até a casa de Osanyin em busca da cura para um de seus filhos, que adoeceu. Quando ela chega ao local, no meio da mata, há uma fila enorme de pessoas, também em busca de cura para suas doenças. Depois de longas horas de espera, a impaciência de Oya se torna fúria. Ela então começou a mover seu corpo com tanto vigor, que as folhas que Osanyin usava em seus remédios foram espalhadas por toda parte. Nesse momento, todos os outros Orixás vieram ajudar na coleta das folhas. Osanyin queria suas folhas de volta, mas Olorun, a divindade suprema, decidiu que cada Orixá deveria ficar com as folhas que havia coletado, adquirindo também o conhecimento sobre aquelas plantas específicas. Osanyin ainda conhecia os segredos de todas as plantas, mas a partir daquele momento, cada Orixá se tornou especialista em um tipo de folha (OPÁ OSSAIN, O MISTÉRIO MÍTICO | DOCUMENTÁRIO, 2022).

Esse mito vai ao cerne da conversa sobre a validade do conhecimento indígena. Parece haver uma suposição de que o que veio a ser conhecido como as propriedades transcendentais do ser, entre elas Verdade (ciência/ filosofia), Beleza (as artes) e Bondade (espiritualidade), são conceitos originados na Grécia antiga e posteriormente desenvolvidos por pensadores europeus da Idade Média, como Tomás de Aquino (GORIS; AERTSEN, 2019). No entanto, na segunda década do século XXI ainda se discute a validade da cultura africana e afro-diaspórica contra diferentes cânones europeus, devido a uma “caricatura colonial da África como culturalmente ingênua, intelectualmente dócil e racionalmente inepto”

(CHIMAKONAM, 2014). Por meio do apagamento ou menosprezo da influência que os pensadores egípcios antigos tiveram sobre a filosofia grega, profusamente documentada por estudiosos como Diop e Salemsen (1988, tradução nossa), as culturas ocidentais estabeleceram e reproduziram perspectivas hegemônicas, uma lente através da qual eles veem e definem a realidade. Ao longo do tempo, isso criou e reproduziu um viés que faz com que o *establishment* cultural menospreze, por exemplo, as tradições orais da África subsaariana, uma miríade de antigas *performances* rituais e complexas obras escultóricas e arquitetônicas da África pré-colonial.

Em alinhamento com as práticas históricas e recorrentes em países colonizados, fui socializada e educada seguindo o paradigma ocidental de conhecimento. Em seu livro *Outside in the Teaching Machine*, Spivak (2009) parte de ferramentas conceituais cunhadas por Jacques Derrida para formular uma crítica feroz dos estudos culturais e da academia pós-colonial. Ela fala sobre o “impossível ‘não’”, significando a impossibilidade de rejeitar totalmente “uma estrutura que se critica, mas intimamente habita”, que, segundo ela, é uma posição filosófica alinhada com o conceito de desconstrução de Derrida – isto é, inerentemente composta por elementos que se contradizem entre si. Apesar dos conflitos internos, em se ocupando o espaço acadêmico colonial e adoecedor como corpo racializado ou subalternizado, iniciamos um diálogo com o conhecimento gerado no contexto do pensamento europatriarcal, definido pela pensadora Salami (2020, tradução nossa) como uma simbiose entre o eurocentrismo e o patriarcado, sendo assim relacionado à tríade de opressões colonialismo-capitalismo-patriarcado.

Exemplos disso podem ser a forma como a erudição feminista negra da diáspora está repleta de tais instâncias: em seu manifesto pela poesia como ferramenta de libertação, Lorde (2009, tradução nossa) fala dos “pais brancos” ao citar René Descartes, colocando a racionalidade e os sentimentos como valores complementares. Carneiro (2022) e bell hooks desenvolveram trabalhos a

partir do pensamento de Michel Foucault. Maria del Guadalupe Davidson pesquisou a obra de Gilles Deleuze. No entanto, nas obras de todas as pensadoras acima citadas, o foco central está nas experiências e nos legados das mulheres negras e racializadas. Assim, as intelectuais negras na diáspora valem-se das ferramentas disponíveis em uma academia que desde sempre as exclui e hostiliza, desenvolvendo conceitos inovadores e quebrando barreiras discursivas e práticas calcadas em uma visão opressora do conhecimento.

### Uma abordagem feminista negra do conhecimento

Nesta seção, proponho uma reflexão sobre o conceito de conhecimento em uma perspectiva feminina e afro-centrada, mais precisamente Iorubá, nos moldes propostos por Minna Salami.

Antes de partir para a abordagem do conhecimento, segundo Salami, considero importante trazer um aprofundamento sobre ideias de “masculino” e “feminino” na mitologia dos Orixás.

Nas tradições afro-brasileiras, às vezes falamos sobre entidades “masculinas” e “femininas”. Isso pode levar a simplificações excessivas da estrutura filosófica em torno dessas tradições. Salami (2016, tradução nossa) afirma que a tradição tem sido um dos grandes obstáculos para a libertação das mulheres africanas. Para que tenhamos uma ideia da importância de se tratar das tradições como matéria dinâmica em constante processo de transformação, trago a perspectiva de líderes espirituais como Sidnei Nogueira Barreto, que em diversas falas tem afirmado a necessidade de se evitar reproduzir os resquícios de colonialidade nas tradições religiosas de matriz africana, colonialidade essa que se reflete na binaridade de gênero muitas vezes aplicada aos rituais, resultando em misoginia, homo e transfobia, entre outras opressões.

Conforme estudei em minha dissertação de mestrado sobre as danças sagradas do candomblé brasileiro (NUNES, 2011), divindades como Yemanjá, Oxum e Yewa são entendidas como tipicamente femininas. Eles reinam respectivamente sobre os mares, águas doces e fontes. Nana Buruke, Oba e Oya, conectadas respectivamente aos pânta-

nos, marés e ventos, são frequentemente descritas como menos femininas de acordo com a interpretação dos mitos que seguem as escolas de pensamento europatriarcais (PRANDI, 2020). Isso pode ser explicado pelo fato de que padrões capitalistas e colonialistas de feminilidade facilmente aceitos, desprezam a complexidade e a pluralidade, vinculando o feminino ancestral a imagens de controle<sup>6</sup>: qualidades como o dom da maternidade e o cuidado são atribuídas a Yemanjá, a sedução por meio da combinação de beleza e riqueza se tornam características de Oxum, e a castidade e pureza viram os únicos atributos de Yewa. Padrões de feminilidade europatriarcais desprezam a idade avançada de Nana Buruke ou a coragem e o espírito de líderes guerreiras de Oba e Oya. Um olhar mais atento aos mitos, especialmente se lidos sob uma perspectiva decolonial, nos mostrará que atributos simplistas não servem a uma compreensão profunda do significado dos Orixás, que são muito mais complexos do que apenas um ou dois traços arquetípicos.

Mal-entendidos como esses nos levam muitas vezes a pensar no masculino e no feminino como valores absolutos e mutuamente excludentes, ditados pela biologia. Entretanto, o que chamamos de energias feminina e masculina são forças complementares e coexistentes presentes em praticamente tudo na natureza.

Passo, então, à apresentação e análise do conceito de conhecimento proposto por Salami.

Em seu livro *Sensuous Knowledge: A Black Feminist Approach for Everyone*<sup>7</sup>, Salami inicia o primeiro capítulo, intitulado “Do Conhecimento”, relatando o mito da criação da primeira cidade Iorubá, Ifé.

Segundo Salami (2020, tradução nossa) essa versão do mito primordial, no início havia o céu, o deus Olorun, e o mar, a deusa Olokun, e os orixás. Obatalá, o Orixá da criatividade, pediu a Olorun permissão para criar terras e seres vivos, o que lhe foi concedido. Assim, Ifé foi criada. Quando Olokun descobriu que a cidade foi construída em seu reino sem sua permissão, ela se vingou criando uma inundação que destruiu Ifé completamente. Uma vez reconstruída, a cidade tornou-se próspera, mas a energia feminina permaneceu desequili-

brada, criando uma eterna luta entre os gêneros.

As divindades tentaram corrigir esse desequilíbrio conferindo dois valores à humanidade: *ogbon*, o conhecimento e *phronesis*, a sabedoria prática. Mas o conhecimento deve vir tanto da mente quanto do coração, portanto *ogbon* foi dividido em *ogbon-ori* e *ogbon-inu*, significando respectivamente conhecimento situado na cabeça e conhecimento situado nas vísceras.

As ideias nas quais Minna Salami mergulha em *Sensuous Knowledge* falam ao cerne das múltiplas crises em que estamos imersos nesse período pós-pandemia; crises das epistemologias forjadas no conhecimento europatriarcal.

Ao apresentar uma narrativa mitológica afro-centrada, oferecendo uma compreensão mais ampla da natureza do conhecimento, ao mesmo tempo em que expõe como o modelo europatriarcal falha diante da complexidade humana, Salami (2020, tradução nossa) propõe uma definição de conhecimento que reúne razão e sensibilidade, que é ao mesmo tempo mental e corporificado, unindo pensamento e sentimento. O conceito de *sensuous knowledge*, o qual tomo aqui a liberdade de traduzir como *conhecimento sensorial* é emprestado do poeta John Milton, que o cunhou para criar uma distinção da ideia de sensualidade ligada puramente ao sexo, ainda assim mantendo a conexão do conceito com os sentidos e o corpo. A forma como podemos vivenciar obras de arte é um exemplo deste tipo de conhecimento. Experiências artísticas pedem que nos conectemos além dos instintos e do intelecto. O conhecimento que advém desse tipo de experiência é dinâmico e plural, não um produto pronto e vendido em tamanho único.<sup>8</sup>

Nesse sentido, o conhecimento sensorial é também poético, pois busca uma forma de elevação e expansão que tange a espiritualidade, ao contrário do conhecimento europatriarcal, que por sua desconexão do corpo, da natureza e do feminino, torna-se apequenante na sua função instrumental de estabelecer, normalizar e perpetuar opressões.

## Conclusão

Do encontro acima descrito, de conceitos, corpos, ideias e ideais que se enfeitam de metáforas,

fazendo-se fontes, córregos, rios, riachos e cascatas rumo a um grande mar de conhecimento expandido e libertário, cria-se *Estuários*. O que ora apresentado é um processo em andamento, do qual essa escrita é um marco importante, mas não o destino, o fim. Os métodos continuarão a ser desenvolvidos, conforme o tempo necessário for passando e criando distanciamentos e propiciando novos encontros transformadores da minha prática e de meu pensamento.

Realizado em meio a uma profunda crise humanitária, ética, ambiental, financeira e política global, *Estuários* não tenta ser uma exposição linear de ideias que deveriam se encaixar perfeitamente em sistemas existentes, mas, sim, uma série de ocorrências artísticas e conceituais refletindo um mundo em rápida transformação.

#### Referências

- CARNEIRO, S. **Epistemicídio**. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- CHIMAKONAM, J. O. History of African Philosophy. **The Internet Encyclopedia of Philosophy**, 2014. Disponível em: <https://iep.utm.edu/history-of-african-philosophy/>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- DIOP, C. A.; SALEMSON, H. **Precolonial Black Africa**: a comparative study of the political and social systems of Europe and Black Africa, from antiquity to the formation of modern States. Los Angeles: Chicago Review Press, 1988.
- DUDA, N. **Ducineia Duda Bayrangi**. 27 ago. 2016. Facebook: Ducineia Duda Bayrangi. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=1270851289614332&id=100000684205121&mibextid=2JQ9oc](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1270851289614332&id=100000684205121&mibextid=2JQ9oc). Acesso em: 26 jul. 2023.
- GORIS, W.; AERTSEN, J. Medieval Theories of Transcendentals. **The Stanford Encyclopaedia of Philosophy**, 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/transcendentals-medieval/>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- LORDE, A. *et al.* **I am your sister**: collected and unpublished writings of Audre Lorde. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- NUNES, D. F. **As danças dos Orixás**: do ritual sagrado à dramaturgia do performer. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Oslo, Oslo, 2011.
- OPÁ OSSAIN, O. **MISTÉRIO MÍTICO | DOCUMENTÁRIO**. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (35 min 47 s). Publicado pelo canal Paulo Ferreira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJrY-zl7NME&t=150s>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SALAMI, M. **Sensuous Knowledge**: a black feminist approach for everyone. London: Zed Books, 2020.

Recebido em 9 de maio de 2023.

Aprovado em 11 de junho de 2023.

Publicado em 14 de agosto de 2023.

- SALAMI, M. **Tradition is the key challenge for African feminists in the 21st century**. 2016. Disponível em: <https://msafropolitan.com/2016/02/tradition-21st-century-key-challenge-african-feminists.html>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- SPIVAK, G. C. **Outside in the Teaching Machine**. Nova York: Routledge, 2009.
- TAYLOR, S. R. **Não vamos voltar ao normal. O normal nunca existiu**. [2020, tradução nossa]. Instagram: Sonya Renee Taylor. Disponível em: <https://instagram.com/sonyareneetaylor?igshid=MmU2YjMzNjRlOQ==>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- WALKER, A. **We are the ones we have been waiting for**: inner light in a time of darkness. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2011.

#### Notas

- 1 Espetáculo sobre a vida e a obra de Nina Simone, produzido pelo Nordic Black Theatre, em Oslo (2016).
- 2 Como também nos mostra o documento histórico fundamental sobre a escrita de mulheres negras, a antologia *Daughters of Africa*, editada por Margaret Busby (1992), que traz textos de mulheres afrodescendentes desde o Antigo Egito até a década de 1980.
- 3 Título sem tradução para o português. O trecho citado foi livremente traduzido do original: "It is the worst of times because it feels as though the very earth is being stolen from us [...]: the land and air poisoned, the water polluted, the animals disappeared, humans degraded and misguided. War is everywhere. It is the best of times because we have entered a period [...] of great clarity as to cause and effect. A blessing when we consider how much suffering human beings have endured, in previous millennia, without a clue to its cause [...]. Because we can now see into every crevice of the globe and because we are free to explore previously unexplored crevices of our own hearts and minds."
- 4 Em 5 de maio de 2023, durante o processo de escrita desse texto, mais de três anos após o início da pandemia, a Organização Mundial da Saúde declarou o fim da emergência sanitária causada pelo Coronavírus.
- 5 Palestra proferida por Angela Davis no Mela Festival em 11 de agosto de 2022 sob o título "**Por que o racismo deve ser uma preocupação global: arte e política no século 21**" (tradução nossa).
- 6 Conceito desenvolvido por Patricia Hill Collins, no livro *O Pensamento Feminista Negro*, estudado no Brasil por Winnie Bueno na obra *Imagens de Controle*, para nomear estereótipos apequenados e categorias comportamentais atribuídas a mulheres negras.
- 7 Obra sem tradução em Português. O título pode ser livremente traduzido como **Conhecimento Sensorial: Uma Abordagem Feminista Negra para Todes**.
- 8 A ideia de abordar o feminismo dessa forma também foi expressa por bell hooks em seu livro *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*, publicado em 2000. Ambas as autoras tentam desenvolver uma prosa com potencial de alcance amplo, independentemente de méritos acadêmicos. Esse não é um aspecto irrelevante quando falamos de feminismo negro. É fundamental ter em mente que a interseção entre raça e classe, fomentada pelo tráfico negreiro, tem impedido mulheres e homens negros de terem acesso à educação de qualidade.